

## RESENHAS

### CLAMOR, A DEMONSTRAÇÃO DE CORAGEM, AMOR E SOLIDARIEDADE

Yvone Dias Avelino\*

LIMA, Samarone. *Clamor, a vitória de uma conspiração brasileira*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

A presente resenha resulta de uma atenta e interessada leitura da obra acima citada, de 259 páginas, nas quais o autor, de forma clara, cativante e inteligente, apresenta-nos uma substanciosa narrativa, que vem enriquecer a historiografia brasileira sobre uma parte do período do domínio militar no Brasil.

O livro é resultado de uma dissertação (mestrado) apresentada em setembro de 2000 ao Programa de Pós Graduação em Integração da América Latina (Prolam) da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do eminente sociólogo Prof. Dr. Sedi Hirano. O título inicial era *A penumbra compartilhada*.

A obra é reflexo de uma exaustiva e profunda pesquisa em que, incansável, o jornalista buscou o Arquivo Clamor, riquíssima memória guardada no Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva. Trata-se, na realidade, de desvelar uma entidade de Direitos Humanos criada em São Paulo, em 1978, para denunciar as violações e barbaridades praticadas pelos gestores militares no Cone Sul.

O grande mérito é a apresentação de uma narrativa sociológica/histórica contemporânea, flagrada e apurada sob o olhar atento do jornalista. Trabalho interdisciplinar, apresenta-nos com a memória dos atos sórdidos de uma época negra, dolorosa e sombria.

Lidou o autor com registros cuidadosamente anotados e criteriosamente arquivados dos atores integrantes do Clamor, que constatavam o sofrimento dos que não esquecem e lutam pelos seus desaparecidos. Como enunciou o próprio autor, “para elaborar este trabalho, percorri alguns caminhos repletos de aventura humana e descobertas”; como jornalista, não se contentou só com os arquivos, mas os somou ao relato oral como fonte de pesquisa. São as entranhas da repressão no Cone Sul que estão sendo visceralmente

abertas por uma narrativa que encanta e que é comprovada, também, pelos documentos orais vivos e revoltantes, carregados de dor e de esperança, de sofrimentos atrozes e chamadas de vida. O pesquisador é travestido, em alguns momentos, em poeta e em monge. Não se perde, e deixa o leitor acompanhá-lo na sua reflexão com a mesma intensidade de fúria, paixão e revolta.

São 20 capítulos, cativantes e bem elaborados, todos precedidos por fotos atraentes e significativas, em que, com grande esforço, foram identificadas tanto as pessoas que aparecem quanto os fotógrafos (como aponta o autor no item “Créditos das Fotos”). Atrevemo-nos a criticar e, ao mesmo tempo, lamentar que as referidas fotos não fossem tratadas com o devido rigor que se exige de tal fonte, sobretudo para o historiador, como nos aconselha Boris Kossoy, em seu *A fotografia como fonte histórica*. No presente trabalho, elas são belas ilustrações, equívoco desculpável, dado o grande mérito das outras fontes arroladas e os resultados apresentados.

O livro traz um rol indicativo de todo o percurso da pesquisa, do financiamento, das pessoas que com o autor colaboraram – com certeza, com grande espírito acadêmico, mas, também, movidas pelo desejo e paixão de vida, a solidariedade, que fecha os abismos que teimam em permanecer no cotidiano de tantas mortes e algumas ressurreições. Ler a obra é ainda acreditar nas relações e nos valores humanos.

De que trata, enfim, este substancioso relato? Trata, na realidade, de uma pequena reunião, que começou numa sala da Cúria Metropolitana de São Paulo, discreta, cheia de esperança e temor.

Sabiam seus integrantes que os governos militares de alguns países da América Latina, onde existiam prisões e torturas, estavam em comunicação entre si e que, portanto, eles estavam em constante perigo de prisão. Sabiam do risco, mas o amor ao próximo que os unia era a palavra de ordem.

Em 24 de março de 1976, ao retirar Isabelita Perón da Presidência da República Argentina, os militares tomaram o poder, seguindo o exemplo de Brasil, Chile, Uruguai e Paraguai. Em pouco tempo, muitas barbaridades aconteceram na Argentina: casas foram cercadas, bombardeadas e metralhadas. Presos políticos desapareceram – não há registros das centenas de homens e mulheres que foram levados de suas casas, mulheres grávidas, crianças que sumiram. É o grande e penoso martírio da localização. Neste mesmo ano, o Brasil se aproximava dos 12 anos de ditadura e Atos Institucionais; Uruguai e Chile, três anos; Paraguai, 22 anos; e, agora, a Argentina integrava os países do Cone Sul dominados pelos militares. Iniciava-se uma nova realidade – crianças desaparecidas, e, portanto, a reunião acima citada tratava de discutir esta questão. Seus integrantes: uma jornalista inglesa, um pastor presbiteriano e um advogado.

A jornalista inglesa Jan Rocha veio ao nosso país pela primeira vez em 1964, ano do golpe militar, pelo Serviço de Voluntariado das Nações Unidas. Não esqueceu o Brasil (a “Cidade Maravilhosa” acima de tudo) e a intrincada floresta Amazônica, que a enfeitiçou com seus mitos encantadores. Em 1969, trabalhava como correspondente internacional do jornal *The Guardian* e da Rádio BBC de Londres. Foi quando retornou ao Brasil, onde se casou e encontrou uma realidade contrastante com a anterior. Os governos militares estavam no limite da dureza da caserna. Rolavam os chamados “Anos de Chumbo”, com o Ato Institucional 5. Tendo uma excelente relação com a Anistia Internacional, suas freqüentes reportagens flagravam a violação dos direitos humanos no Brasil.

O pastor Jaime Wright (filho de missionários norte-americanos, cujo irmão foi uma vítima da ditadura) foi um dos entrevistados da ardorosa jornalista inglesa, combatente defensora dos direitos humanos, que recebia em sua casa, no bairro de Perdizes, próximo à PUC-SP, as mais inusitadas declarações de torturas. Naquela entrevista, não poderiam imaginar que comporiam juntos, um dia, um grupo de conspiradores em defesa dos direitos humanos na América Latina. O pastor, em 1964, era secretário-geral da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, e vinha de um trabalho de apoio às famílias que o procuravam para denunciar os horrores daqueles tempos, em diversos países do Cone Sul. Participou da fundação do Coordenadoria Ecumênica de Serviços (Cese), do Centro Santo Dias, da Pastoral de Consolação e Solidariedade do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) e do Serviço de Paz e Justiça na América Latina (Serpaj). Em seu trabalho, tinha uma visão ecumênica abrangente, que o aproximou cada dia mais de Dom Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo. Era membro da Comissão Arquidiocesana dos Direitos Humanos e mantinha excelentes relações com o Conselho Mundial de Igrejas.

O fato que mais o uniu a Dom Paulo, porém, foi pessoal: o desaparecimento de seu irmão, deputado estadual cassado, preso, torturado e que integrava a lista dos desaparecidos brasileiros. Seu nome figurava na listagem de capturados do Ministério da Justiça, em 1975, sendo dado como “foragido” e acusado de ser militante da APML. Jaime, como escreve o autor do livro, perdeu seu irmão para a ditadura; na luta para localizá-lo, ganhou outro, com o mesmo nome, também chamado Paulo.

O terceiro integrante, o advogado Luís Eduardo Greenhalgh, tão conhecido nas lides acadêmicas e políticas, dispensa, naturalmente, uma apresentação mais detalhada. O que o qualifica é o seu perfil militante, a sua capacidade intelectual e, sobretudo, o lado humano e combativo que tomou durante o processo ditatorial e que vem mantendo até os dias de hoje.

As relações entre ele e o pastor se deram em encontros para explicações e relatos sobre o drama do irmão desaparecido. O advogado foi o trampolim para que o perfil das buscas fraternas não mais implorasse, que passasse a *exigir*. O pastor ganhou forças para lutar ao saber (pelo amigo da Ação Popular surgida na Igreja Católica e dos rachas da incorporação ao PC do B) da criação da APMML, as quedas, as prisões em 1973 e do codinome de Paulo – “Antônio”. Agora, para o pastor, cada vida que salvasse era uma homenagem ao irmão, vítima da tortura dos militares brasileiros.

Jaime Wright chegou à casa/refúgio ou casa/aparelho de Jan depois de uma encenação preparada por um casal de argentinos, quase um seqüestro. Pela primeira vez, o pastor, a jornalista e o advogado se reuniam. O casal argentino contou com minúcias as atrocidades cometidas em seu país. Encontro decisivo, em que se propunham a formar um grupo que se dedicasse a acompanhar a questão dos refugiados. A primeira meta era a divulgação de todas as informações no exterior, já que os meios de comunicação da Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai estavam sob forte censura. Ouviram em silêncio as denúncias e um detalhe marcou os três – o destino incerto de crianças e bebês, filhos de pessoas desaparecidas. Iniciava-se, ali, um longo percurso de lutas e de solidariedade, de amor ao próximo, de coragem desmedida, em que se empenharam a recuperar a cidadania e a dignidade dos povos infantis latino-americanos.

Nova reunião foi marcada para ser realizada no Instituto Sedes Sapientiae, no bairro de Perdizes, tarefas foram definidas, bem como ações a serem aplicadas. Estariam, dali para frente, empenhados numa luta e, conforme deliberaram, articulados com a Igreja Católica, na figura de seu cardeal, que vinha conduzindo uma ação corajosa na defesa dos direitos humanos.

Várias reuniões levavam a novas direções, a novas tarefas e à busca de um nome forte para o grupo, que marcasse e chamasse a atenção e que mobilizasse as pessoas para a solidariedade em vários países. Pensaram em Anistia Internacional, mas, por último, surgiu “Clamor”. Alegria geral: Clamor tinha o mesmo significado em português, inglês e espanhol. Em português e espanhol, continha a palavra amor; no inglês, clamour, o l’amour do francês. Além disso, trazias as letras L e A de América Latina, ou Latin America. Era a palavra certa para os inúmeros desafios que o grupo se propunha a enfrentar, principalmente o de mobilizar a opinião pública internacional contra as violações de direitos humanos no Cone Sul.

O pastor lembrou um trecho da Bíblia, o Salmo 88, que parecia estar se referindo à realidade latino-americana, naquele momento histórico: “Oh, Senhor, Deus da minha salvação, diante de ti, clamo de dor de dia e de noite. Chegue minha oração perante a tua face; inclina os teus ouvidos ao meu clamor”.

O livro de Samarone Lima nos traz relatos surpreendentes da luta árdua do Clamor e os resultados satisfatórios na recuperação de crianças desaparecidas, já adotadas por civis e até por militares, que retornaram aos seus lares, aos seus avós, aos seus familiares, porque os pais jazem em algum lugar desta mítica América Latina, sem túmulos. Trata-se de uma obra que merece ser lida, e seus documentos, utilizados como fontes, procurados por outros pesquisadores que trabalham o mesmo tema ou a mesma época. Segundo informações do próprio autor, o Clamor tem o seu acervo guardado no Cedec da PUC-SP, onde também será depositado todo o material coletado em diferentes arquivos do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai. Pesquisas como esta nos desvelam a qualidade e o perfil dos pesquisadores brasileiros.

#### *Nota*

\* Profa. Dra. Titular do Departamento de História da PUC-SP.